

**Narrativas orais da Juventude Hitlerista e Neonazista no Brasil:
breve análise comparativa**

Ana Maria Dietrich

Doutora

Professora Universidade Federal do ABC – Santo André-SP

ana.dietrich@ufabc.edu.br

É por meio da juventude que começarei minha grande obra educacional. Nós, os velhos, estamos gastos. Não temos mais instintos selvagens. Mas minha esplêndida juventude! Nós temos uma das mais belas do mundo. Com eles, poderei construir um mundo novo! Adolf Hitler

Introdução

A Juventude Hitlerista no Brasil foi uma associação partidária ligada ao partido nazista desse país, que, por sua vez, funcionou de 1928 a 1938 de forma aberta e ostensiva e partir dessa data foi proibido pela legislação do governo de Getúlio Vargas. Um dado importante que merece destaque é que tal partido, formado por 2900 integrantes, constituiu-se na maior filial de um partido nazista fora da Alemanha se fazendo presente em 17 estados brasileiros em todas as regiões do país. Entre eles, o maior grupo foi o de São Paulo, com 785 membros, seguido por Santa Catarina, com 528, e Rio de Janeiro, com 447.

O partido estabelecido no Brasil estava inserido em uma rede de filiais deste partido instaladas em 83 países do mundo e era comandado pelas ordens e diretrizes da Organização do Partido Nazista no Exterior, cuja sede era em Berlim. A análise do presente texto se faz um recorte da temática original da pesquisa de doutorado *Nazismo Tropical, o Partido Nazista no Brasil*. (DIETRICH, 2007 (2))

A importância da juventude para o regime nazista é inegável. Em diversos momentos, Adolf Hitler se voltou às crianças e jovens alemães. Ele acreditava que representariam o futuro da raça ariana, porque os adultos já estariam "velhos" e

"gastos". Para cooptar os jovens a se tornarem "bons nazistas", o estadista, que permaneceu no poder na Alemanha entre 1933 e 1945, não poupou esforços. O primeiro passo foi a padronização do ensino secundário e a introdução de novas disciplinas de eugenia e ciência racial. Ao estudá-las, as crianças aprendiam, entre outras coisas, que não poderiam se miscigenar com os considerados "não arianos".

Fotos de Hitler estavam nas escolas e os professores entravam na sala cumprimentando os alunos com a saudação Heil Hitler. Práticas como atividades físicas - que chegaram a ocupar cinco horas do dia dos estudantes em 1938 - foram introduzidas, contrastando com o desprezo pelas atividades intelectuais consideradas prejudiciais ao regime. Além das escolas, Hitler criou, em 1926, uma organização voltada para jovens e crianças, meninos e meninas. Funcionando como braço do partido nazista, a *Hitler Jugend* (Juventude Hitlerista), cujas atividades iam desde acampamentos com fogueiras e entoação de hinos até treinamento militar, chegou a ter, no seu apogeu, 8 milhões de membros. As meninas se alistavam na BDM (*Bund Deutscher Mädel* - Liga das Jovens Alemãs) e aprendiam seus deveres de futuras "mães e mulheres arianas" em tardes domésticas, de eventos esportivos e de patriotismo.

A americana Susan Campbell Bartoletti (2006) contou a história desses pequenos soldados de Hitler no livro *Juventude Hitlerista, a história dos meninos e meninas nazistas e dos que resistiram*. Segundo ela, essa organização foi estruturada de maneira a funcionar como um exército. Havia regimentos e uma hierarquia: o garoto que ingressasse como recruta poderia chegar a liderar um esquadrão, um batalhão e até um regimento. A disciplina era rígida e quem a desobedecesse recebia castigos, como caminhar por horas em rios gelados. Para poder vestir o uniforme marrom da Hitler-Jugend (HJ), porém, os ingressantes deveriam, em primeiro lugar, provar que eram descendentes de "arianos", que estavam saudáveis e não tinham doenças hereditárias. As crianças judias foram impedidas de entrar e o mesmo acontecia quando os pais da criança não eram considerados "bons nazistas". Campbell afirmou que, "não querendo ser excluídas, as crianças imploravam para os pais entrarem no partido nazista". Os jovens que se negavam a participar tornavam-se marginais e dessa forma ficavam impedidos de entrar nas escolas e conseguir emprego.

Muitos jovens chegaram a perder a vida em nome da organização. No início do governo nazista, as brigas de rua com os comunistas eram freqüentes. Em uma delas, Herbert Norkus, jovem alemão de 15 anos participante da HJ, morreu e se tornou mártir do regime. Já durante a Segunda Guerra Mundial muitos deles foram lutar nas frentes de combate alemãs. Eram convocados como ajudantes de artilharia ou como cavadores de trincheiras. "Os meninos trabalhavam dez horas por dia, sete dias por semana. Cavavam até as mãos ficarem calejadas (...)", contou Alfons Heck, ex-integrante da Juventude, um dos entrevistados por Campbell.

Próximo do final da guerra, foi criada uma unidade especial - denominada HJ-SS, cujos participantes receberam treinamento especial para participar do conflito. Tal unidade, apelidada pelos Aliados Divisão Leite de Bebê, lutou nos campos da Normandia em 1944. Em combate, morreram 1.951 soldados, entre meninos e jovens, e 4.312 ficaram feridos.

I. Jovens recrutados por Hitler no Brasil

Como organização ligada diretamente a esse partido, a HJ no Brasil teve a adesão de 550 meninos e meninas alemãs e descendentes, que foram seduzidos pelo discurso do regime nazista. Apesar de ter como parâmetro o movimento alemão, o nazismo avançou no Brasil de forma diferenciada.

Participantes da comunidade alemã - que somava 230 mil pessoas, entre alemães de nascimento e descendentes -, os meninos e meninas não conheceram a atmosfera de terror vivenciada por seus conterrâneos na Alemanha - definida, em um primeiro momento, pela luta contra os comunistas e, em um segundo, pela deflagração da Segunda Guerra Mundial. Nesse processo de transferência, foi como se a ideologia nazista passasse a se vestir com as cores da sociedade brasileira.

Aqui os preceitos nazistas eram passados às crianças e jovens por meio da família e, principalmente, pela educação nas escolas. Estima-se que na década de 30 existiam cerca de 1.260 escolas alemãs no país, com mais de 50 mil alunos. Todas elas contavam com subsídio do governo alemão e algumas haviam sido fundadas ainda no século XIX. Desde a ascensão de Hitler ao poder, as escolas passaram a ser vistas como importantes centros de difusão dos ideais nacional-socialistas.

Até o começo do Estado Novo (1937-1945), tais escolas funcionaram normalmente, sem preocupar o governo, já que ajudavam na educação dos jovens, desonerando as escolas públicas. Porém, a partir de 1938, com a campanha desencadeada por Vargas, que obrigou todas as instituições estrangeiras a se nacionalizar, as escolas alemãs passaram a ser vigiadas. O governo estabeleceu a nacionalização integral do ensino primário. Novas leis do período de 1938 a 1942 restringiram cada vez mais a difusão de valores de outras culturas em território nacional.

O partido nazista e as instituições ligadas a ele entraram então para a ilegalidade. Até essa época, o governo tinha feito vistas grossas à atuação do partido, dadas as boas relações comerciais entre o Brasil e a Alemanha e a simpatia do ditador brasileiro pelo regime de Hitler. Os partidários do nazismo e os alemães em geral foram perseguidos somente depois de 1942, quando da entrada do Brasil na guerra, ao lado dos Aliados. A questão estava centrada no combate à cultura germânica - elemento de erosão da nacionalidade brasileira em construção - e não ao nazismo - enquanto "ideologia exótica", como a chamava a Delegacia de Ordem Política e Social.

No caso da cidade de São Paulo, vários foram os colégios enquadrados como foco de disseminação de idéias consideradas nocivas à nação brasileira, entre elas a nazista, no final dos anos 30. Em instituições como a Deutsche Schule, mais conhecida como Escola Alemã de Vila Mariana, uma das mais vigiadas pelo Deops - Departamento Especializado de Ordem Política e Social, de São Paulo, boa parte dos educadores era ligada à Associação dos Professores Nazistas, com 100 filiados no Brasil, e alguns vinham direto do III Reich para doutrinar a juventude local.

Nessa escola não era raro os professores alemães ministrarem aulas usando o uniforme cáqui com a suástica atada ao braço. No início do dia letivo, era comum os alunos se cumprimentarem com a saudação Heil Hitler, como era usual na Alemanha. As disciplinas eram ensinadas em língua alemã e o português era apenas mais uma aula na grade curricular. A acusação mais constante por parte da polícia política era que as famílias e a escola não imbuíam as crianças de familiaridade com a cultura brasileira, mas sim incentivavam o germanismo atrelado à doutrina nazista. Grande parte dos alunos era agremiada na Juventude Hitlerista instalada no Brasil, que cantava os mesmos hinos e propunha as mesmas atividades da similar alemã. O livreto oficial da Deutsche Schule continha fotografias de alunos e de interiores da

escola, além de referências ao uso de material didático e, em especial, aos filmes sobre a Alemanha. Parte desse material era importado de lá e tinha como principal objetivo manter viva a relação dos pequenos alemães e descendentes com a cultura germânica. O livro de canções alemãs apropriadas pelo nazismo, chamado *Liederbuch*, dava o tom do nacionalismo alemão que se cultivava.

O mapeamento feito pelo Deops constatou que havia 14 escolas alemãs na capital e no ABC paulista. Depois da nacionalização de 1938, foram fechadas ou enquadradas na lei. A Escola Alemã de Vila Mariana passou a chamar-se Ginásio Benjamin Constant e teve seus professores alemães substituídos por brasileiros.

O que foi transmitido a essas crianças limitou-se ao aparato de sedução do regime - símbolos, canções, livros. Em grandes festas, eles desfilavam portando bandeiras com a suástica e cantando hinos nazistas, participavam de excursões e acampamentos, mas conviviam normalmente com crianças tachadas como "inferiores" pela ideologia nacional-socialista. Do lado dos brasileiros, a raça ariana foi até motivo de zombaria. Em um samba de 1943, Carlos Cachça cantou, fazendo referência ao nazismo: "Saibam que este céu, este mar, este lindo cenário, temos a defendê-lo os nossos expedicionários, oriundos da raça de Caxias, de Barroso. Diante desta gente tão pura e tão forte, nazista, quem és?".

2. Professores e juventude: preocupação com as futuras gerações

Outra associação que desempenhou um importante papel no desenvolvimento do movimento nazista no exterior foi a *NS-Lehrerschaft* (Associação dos Professores Nazistas), também braço integrante do partido nazista no exterior. Segundo relatório endereçado ao Itamaraty, ela deveria dirigir as escolas alemãs segundo a visão de mundo alemã e suas orientações políticas¹.

Uma preocupação constante do governo nazista era com as crianças que pertenceriam às novas gerações e iriam levar a ideologia hitlerista ao futuro. Por intermédio do consulado, alguns professores foram enviados da Alemanha para trabalharem no Brasil em escolas germânicas durante um prazo de quatro anos, em média. Estes professores teriam a "missão" de educar as crianças alemãs de acordo com

¹ NSDAP – Gliederung der Partei: Organisation und Aufbau (Reichschlunbsbrief 11/36). AB.

as idéias nazistas (DIETRICH, 2007 (1). Contabilizavam-se cerca de 100 professores integrantes desta associação no Brasil. (MÜLLER, Jürgen : 196)

Os decretos-lei de Getúlio Vargas de 1938 que promoviam a nacionalização de empresas e escolas estrangeiras atingiram as escolas alemãs no Brasil. A nacionalização destas escolas repercutiu tão mal na Alemanha do III Reich quanto a proibição do partido nazista. Muita correspondência foi trocada entre os governos alemão e brasileiro, mas a decisão de Vargas não foi alterada.

Até hoje se fala sobre uma espécie de “trauma” gerado na comunidade alemã estabelecida no Brasil devido a este processo nacionalizante. A historiadora Marlene de Fáveri (2004) aborda a comunidade alemã de Santa Catarina, mais especificamente de Florianópolis, alvo de preconceito e repressão neste momento de valorização da comunidade nacional brasileira pelo governo varguista. Ao falar sobre as denúncias à polícia política catarinense, afirma que:

Se a língua estava no centro das denúncias, agravam-se com os preconceitos étnicos contra os brasileiros que se aproveitavam do momento para denunciar o estrangeiro ou descendente – era o momento de desforra! Não eram gratuitos os enfrentamentos: os imigrantes tinham mesmo certa aversão (ou muita, dependendo do caso) para com os “brasiliani”, ou “caboclos”. Faziam emergir conflitos identitários, onde critérios da identidade “regional” ou “étnica” — como a língua, o sotaque, o dialeto — que na prática social constituem objetos de representações mentais, acompanhando a reflexão de Bordieu, eram também lutas de poder. (...) Era como se vê (...) uma guerra de denúncias e vigilância num momento em que o não uso do idioma português era considerado um ato de traição à pátria brasileira, ao mesmo tempo em que falar o idioma estrangeiro qualificava o falante – se a língua era o italiano, tratava-se de um fascista; se era o alemão, estava-se diante de um nazista. (FAVERI, 2004: 101)

Isto talvez explique porque durante muito tempo simplesmente não se falava a língua alemã no Brasil, nem em escolas e instituições, causando uma ruptura na manutenção da cultura alemã em diversos estabelecimentos desde as primeiras ondas imigratórias na segunda metade do século XIX. Muitos alemães deixaram de falar sua língua nativa e outros, até hoje, se calam sobre o passado dos anos 1930 e 1940, caracterizado como uma lei da mordaza.

O processo de nacionalização em Santa Catarina também foi intenso. Foram fechadas 79 escolas alemãs particulares e transformadas em municipais. As escolas

passaram a lecionar em português e as associações de professores se nacionalizaram ou desapareceram. Fica, no entanto, explícito, que uma “experiência” não excluiu, nem banalizou a outra. O fato de os alemães terem sofrido controle de seu trânsito e de suas organizações, de serem proibidos de falar sua língua nativa, de publicar seus jornais e de ouvir rádio, e, em determinado momento, encarados como “inimigos internos” do Brasil, não anula que uma parcela destes mesmos alemães atuou no partido nazista ou em instituições partidárias.

Alguns estudos sobre comunidades regionais de alemães costumam abordar estas problemáticas como duas posições antagônicas: os que defendem e os que atacam os alemães. Isto apenas simplifica a dimensão dos problemas vividos por esta comunidade nos anos 1930 e 1940 e as repercussões das posições políticas tomadas pelas lideranças brasileiras e alemãs.

A revista do Instituto do Alemão no Exterior – DAI – traz, em artigo publicado em 1934, uma série de regras que o professor alemão no exterior devia seguir. Estas regras foram definidas no evento do 6º dia do professor, realizado em Darmstadt (Alemanha), em 1933. O documento começou com um alerta, que traz como princípio a mesma orientação feita para os integrantes do partido nazista, a não-intervenção na política do país de hospedagem, devendo o alemão seguir as leis da nação onde atuaria. A orientação se concentrava, principalmente, na questão dos direitos do *staff* dos professores alemães no exterior:

Vocês estão em solo estranho. A orientação principal é seguir o direito da terra de hospedagem, como também direitos públicos e privados referentes a ela. As escolas estrangeiras estão subordinadas às leis do país de onde estão localizadas (...). O professor no exterior está submetido de muitas maneiras às orientações de educação da terra de hospedagem. O professor deverá se submeter aos direitos internos da pátria de hospedagem.²

As orientações, no entanto, não conseguiram dimensionar como se deu o cotidiano desta associação no exterior, no caso deste estudo em especial, no Brasil. Estes professores, apesar de aparentemente não “se intrometerem” na política local, compareciam às aulas uniformizados e, com uma saudação a Adolf Hitler, começavam

² “Die rechtliche Stellung der deutschen Auslandslehrer”. In: *Der Auslandsdeutsche*, 17 mar. 1934, p. 196. IFA/S, Alemanha.

suas lições. Os símbolos da Alemanha nazista também se faziam presentes, com bandeiras e distintivos. A proximidade deste corpo de professores era tamanha que eles chegavam a visitar os próprios alunos em suas casas. Estes estudantes, educados de acordo com a formação nacional-socialista, se sentiam como membros de uma raça superior e de uma “elite”. Segundo Alfred Kepler, que foi membro da Juventude Hitlerista e frequentou a Escola Alemã de Vila Mariana, em São Paulo (SP):

Em 1933, eu entrei na Escola Alemã de Vila Mariana, onde aprendi alemão... O diretor era Mathias Demer, que morreu logo depois da guerra. Ele era antinazista, mas a maioria dos professores vinha do partido nazista na Alemanha. Era uma linha de professores estranha, sabe? Eles eram perfeitos professores, verdadeiros mestres: orientavam as crianças, viviam na casa delas e trabalhavam com elas. Por exemplo, um deles, o Hopf, foi em minha casa várias vezes visitar a mim e a meus irmãos. Era gente simples que lutava, que falava: “Deus, Pátria e Família”. Falavam português. O partido nazista era bastante atuante dessa forma e funcionava de maneira aberta, todo mundo sabia. Usavam-se bandeiras, distintivos e tudo mais. No Germânia, por exemplo, eu desfilava com camisa parda nas olimpíadas de inverno. Eu era parte de uma elite.³

Kepler disse lembrar-se bem do professor Arthur Hopf: “Ele era uma pessoa fantástica, um solteirão... ele viajou para a minha casa, no Guarujá, várias vezes nas férias”.⁴

A Juventude Hitlerista no exterior — associação que Alfred Kepler diz ter tomado parte — era outra organização partidária da A.O. presente em diversos países. Primava pela reprodução fiel da juventude hitlerista alemã, como também por divulgar a doutrina nazista entre os jovens e crianças alemãs ou descendentes de alemães espalhadas pelo mundo. O cenário de crianças uniformizadas lendo cantos, provérbios embaixo de palmeiras poderia acontecer tanto no continente sul-americano quanto na África. A apologia à participação da juventude entre os ideais nazistas era amplamente divulgada na propaganda nazista voltada aos germânicos no exterior.⁵

O *Jahrbuch da A.O.* de 1942, em artigo sobre a juventude hitlerista no exterior, descreveu inúmeras atividades desenvolvidas por esta organização. Os meninos

³ Entrevista de Alfred Kepler realizada em São Paulo/SP em 19 nov. 2002 por Ana Maria Dietrich, Ana Sílvia Bloise e Humberto Redivo Neto.

⁴ Idem.

⁵ *Jahrbuch der Auslandsorganisation der NSDAP 1942*. Herausgegeben von der Leitung der Auslands-Organisation der NSDAP im Gauverlag der AO. Seefahrt und Ausland G.m.b.H. 1942

atuavam como bombeiros, ajudando nas colheitas e durante a guerra, auxiliando a população a atender regras como o toque de recolher. As meninas e moças também colaboravam no esforço da guerra, confeccionando jogos de xadrez para os feridos e levando flores em seus leitos nos hospitais.⁶

No território brasileiro, a juventude hitlerista chegou a atuar em conjunto com o movimento em outros países da América do Sul. Articulados com meninos do Chile, Paraguai e Uruguai, integrantes da Juventude Hitlerista no Brasil fizeram uma viagem, em 1935, para a Alemanha, o que mereceu grande divulgação da imprensa pró-nazismo. Foram 150 meninos e 20 meninas. Destes, 102 integrantes eram da juventude teuto-brasileira. Em julho de 1935, eles chegaram em Hamburgo e foram recepcionados como convidados da Juventude Hitlerista na Alemanha. Um dos principais objetivos da viagem era participar do dia do partido em Nuremberg.⁷ Os jovens voltaram ao Brasil apenas três meses depois, em setembro do mesmo ano. O jornal *Deutscher Morgen* acompanhou com entusiasmo a excursão, publicando o relato apaixonado dos meninos. O tom da carta faz parte do fascínio que os adeptos do nacional-socialismo tentavam exercer sobre as massas e a intensa divulgação desta viagem foi utilizada como propaganda do partido:

Hamburg, 15 de julho de 1935

Queridos pais,

Depois da viagem de ida nós aportamos em 12 de julho. A recepção, que nossos camaradas nos prepararam, foi simples e bela. A SA, SS, Juventude Hitlerista e autoridades estavam representados. Vocês não podem fazer nenhuma idéia da nossa admiração, que não tinha fim.⁸

Neste mesmo ano, a juventude hitlerista divulgou a apresentação do filme “*Wir unter uns*” (Nós sobre nós). A sede da associação teuto-brasileira em São Paulo funcionava ao lado da sede do partido, na própria Rua Conselheiro Nebias, 335.⁹ Outras atividades como entoar canções nacional-socialistas, fazer excursões campestres e praticar esportes eram comuns à juventude nas escolas alemãs, que seguiam o modelo

⁶ Idem.

⁷ DM, 5 jul. 1935. IFA/S, Alemanha.

⁸ DM, 26 jul. 1935. IFA/S, Alemanha.

⁹ DM, 5 jul. 1935. IFA/S, Alemanha.

da juventude hitlerista.¹⁰ Também as rotinas escolares eram permeadas por ensinamentos sobre a ideologia nazista. O jornal “O Globo”, de janeiro de 1937, por exemplo, publicou um desenho de Hitler segurando a bandeira nazista de um aluno de uma escola alemã de Santa Catarina. Segundo o jornal:

Os exercícios escolares de desenho, por exemplo, são na sua quasi totalidade sobre temas alemães e particularmente nazistas. Os meninos são postos a copiar flâmulas, bandeiras nazistas. Comumente os desenhos mostram um rapaz segurando uma bandeira nazista e trazendo uma legenda Heil Hitler.¹¹

Os relatórios da polícia política brasileira frequentemente fazem menção à distinção presente nas escolas alemãs de direcionamento nazista entre as crianças germânicas e as brasileiras. A polícia do Rio Grande do Sul enfatizou que as escolas alemãs foram tomadas pelo partido e que este fazia as crianças brasileiras e alemãs se autodiscriminarem:

O abuso da tolerância com relação às escolas pelo Partido (Nazista) tomou, desde que o mesmo dominou as escolas, formas mais que provocadoras ou provocantes. Assim, uma criança que frequentou não uma escola alemã, mas sim uma escola nazista, saberá quando diligentemente interrogada, narrar qual a diferença que existe entre ela (a criança alemã ou de origem tal) e a criança brasileira, segundo a opinião de Hitler.¹²

Se as crianças brasileiras eram discriminadas, as judias também não eram benquistas em tais escolas perante, principalmente, os professores, deliberadamente anti-semitas. Entre os matriculados nas escolas alemãs de São Paulo, os representantes do nazismo se preocupavam especialmente com a infiltração de pessoas de orientação marxista e de crianças judias nas escolas alemãs. Os professores germânicos, apesar de serem, segundo o documento, anti-semitas, tinham que se submeter às leis brasileiras, pelas quais, quem tivesse dinheiro poderia se matricular nas escolas alemãs. Segundo o jornal *Deutscher Morgen* de fevereiro de 1936:

Apesar destes senhores alemães participarem, sem exceção, de ciclos de simpatizantes nacionais e de organizações de direita, não

¹⁰ DIETRICH, op. cit, p. 231.

¹¹ Há infiltração e espionagem nazista no sul do paiz? *O Globo*, Rio de Janeiro. Ata: R104939, AA/B, Alemanha.

¹² O nazismo em São Paulo. Relatório da Polícia do RS. Jun. 1939. AB.

participam do partido nazista. Devem ser denunciados, como eu tenho ouvido, como marxistas. Apesar das escolas representarem os fundamentos alemães, para leis brasileiras, todas as crianças, cujos pais tem dinheiro para pagar, devem ficar livres para se matricular. Uma grande porcentagem destes estudantes são recrutados da juventude brasileira como também de outras origens, sendo também alguns judeus. Apesar do corpo dos professores em sua maioria ser anti-semita, evita-se a difamação das crianças judias, para que os professores possam seguir as regras brasileiras.¹³

Os professores e a juventude hitlerista não eram os únicos representantes da presença nazista nas escolas. Comumente os próprios partidários utilizavam as escolas alemãs como sede para fazer suas reuniões mensais. Em eventos e festividades promovidas dentro das escolas, os partidários marcavam presença. Foi o caso do líder do partido nazista no Brasil que visitou a escola alemã de Santana em março de 1936 junto ao também partidário Oldendorf e representantes do consulado, da Sociedade *Kyffhäuser* — formada por ex-combatentes da I Guerra Mundial, da Sociedade dos Cantores e outros. O jornal *Deutscher Morgen* registrou o momento desta visita com uma foto cuja legenda é: “O chefe do partido nazista no Brasil — Hans Henning von Cossel — leva os votos do partido”.¹⁴

A juventude hitlerista fazia parte de eventos maiores que envolviam outros segmentos dos representantes do nazismo no Brasil. Em 1937, ela participou da semana alemã em Curitiba (PR), organizada pelo consulado alemão de Curitiba e pelo grupo do partido nazista no Paraná, entre outras associações. O objetivo foi festejar e incentivar o sentimento de germanismo na região. A semana reuniu diversas atividades, entre elas congressos para colonos, celebração do Dia dos professores e Dia das Mães, concertos festivos, exibição de filmes e peças de teatro. Um dos dias da semana foi dedicado inteiramente à juventude local.¹⁵

3. Um negro na juventude hitlerista, indícios do processo de tropicalização

O ex-integrante da Juventude Hitlerista, Alfred Kepler, conseguiu entrar no partido nazista graças à influência do seu pai, que era integrante do partido nazista no

¹³ Relatório de Franz Wolf. São Paulo – Industrieort (3f). Abschrift. São Paulo, 25 out. 1933. NS9-Brasilien. AA/B, Alemanha.

¹⁴ DM, 28 fev. 1936. IFA/S, Alemanha.

¹⁵ DM, 19 fev. 1937. IFA/S, Alemanha.

Brasil. Ele quis entrar na Juventude Hitlerista, que se reunia no Clube Germânia (atual Clube Pinheiros) devido a uma história de amor com uma nadadora do clube, conforme afirmou:

No dia 11 de agosto de 1933, conheci uma menina, Cecília, era filha de pai português, Henrique Laja e mãe alemã. Fiquei doido por esta menina, até quando saí do ginásio estava apaixonado, pensava em casar e tudo mais. Dava a minha vida por ela. Ela era uma grande nadadora do Germânia. Por isto, eu quis ingressar no clube. Fomos eu e um amigo até lá... os dirigentes nem tomaram conhecimento nosso. Cheguei em casa, contei para o meu pai e perguntei de forma indignada o que era isto que todos falam ser o partido nazista. Meu pai, na hora, telefonou para o presidente e, no dia seguinte, pude ingressar no clube. Paguei trinta mil réis de mensalidade e entrei direto na juventude hitlerista.

Em 1938 ou 1939, me formei no ginásio e a tal da Cecília me chamou para o aniversário dela. Foi a hora! Pensei em propor casamento! Mas, ela se adiantou: “Olha Alfredo, gosto muito de você, mas você vai ser um advogado de porta de cadeia daqui a sete anos. Tem um velho que me propôs casamento. Ele tem vinte e seis anos e é arquiteto. Pela primeira vez, pensei que meu mundo tinha acabado. Pensei em me matar, assim coisas desse gênero.”¹⁶

Curiosamente, como um dos indícios da tropicalização do nazismo, Kepler relatou a presença de nazistas negros entre os membros da juventude hitlerista do Germânia, prova de que, apesar de todas as orientações do partido para a não-miscigenação de alemães com brasileiros, principalmente os de origem afro, o nazismo no Brasil teve peculiaridades especiais. No relato, Kepler não esconde sua indignação pelo fato, caracterizado por ele como uma aberração:

Na juventude hitlerista do Germânia tinha uma peculiaridade muito engraçada, tinha um (com ênfase) rapaz mulato (risos). Era o Friedenreich, o jogador de futebol Friedenreich, um dos maiores jogadores de futebol do São Paulo. Seu pai tinha se casado com uma mulata e tido um filho mulato. Então tinha uma aberração... (risos). Era nazista preto, mulato, não tinha nada que ver. Curioso isto, né?! Tem casos estranhos para burro. O pessoal não sabia que eu tinha ingressado na Juventude Hitlerista, pois todo mundo achava que eu tinha cara de judeu, não pensavam que eu havia chegado a este ponto.¹⁷

¹⁶ Entrevista de Alfred Kepler realizada em São Paulo/SP em 19 nov. 2002 por Ana Maria Dietrich, Ana Sílvia Bloise e Humberto Redivo Neto.

¹⁷ Idem.

As informações fornecidas pelo São Paulo Futebol Clube confirmaram o depoimento de Kepler. O jogador de futebol Artur Friedenreich, nasceu em 1892 em São Paulo (SP), filho do alemão comerciante Oscar e de uma mãe lavadeira mulata. Apelidado de “Fried”, entrou no clube Germânia aos 17 anos e, mais tarde, em 1930, mudou para o time do São Paulo, onde permaneceu até 1934, tendo marcado, nestes anos, 63 gols. Durante sua permanência neste clube, foi campeão paulista em 1931 e sua atuação foi considerada importante, apesar de estar, na época, com 39 anos. Considerado pelo clube como o “Pelé dos anos 20”, passou para o São Paulo em 1930, devido a extinção do futebol do Paulistano.

Isso (sua cor) poderia ser um obstáculo para o jovem Arthur Friedenreich, que herdara da mãe, uma lavadeira mulata, as características raciais que fizeram dele um mestiço. Mas não foi. Com 17 anos incompletos, arranjou uma vaga no time do Germânia, onde receberam sem problemas aquele rapaz magricela de jogo habilidoso e de cabelos que lembravam os de um europeu. Embora fossem naturalmente ondedados, ele os alisava com pacientes aplicações de gomalina, uma espécie de brilhantina, e de toalhas quentes. Tratava-se de um processo demorado, mas eficiente: Friedenreich, sempre o último a entrar em campo, por causa dos cuidados com o penteado, chegou a ser considerado um branco. Bronzeado, porém branco. Foi o preço que pagou para que lhe fossem abertas as portas do nascente e elitista futebol brasileiro. Agora não mais um mulatinho de um bairro da baixa classe média, eis Friedenreich fazendo gols em cima de gols pelos clubes por onde passava: Mackenzie, Paulistano, Germânia outra vez, e bem depois São Paulo e Flamengo.¹⁸

Também atuou na Seleção Brasileira e, representando o Brasil, foi campeão sul-americano em 1919 e artilheiro do campeonato. Marcou 1.329 gols nos seus 26 anos de futebol. Foi nove vezes artilheiro do Campeonato Paulista. Segundo o clube, Friedenreich era: “Moreno dos olhos verdes e cabelos carapinha (filho de alemão com mulata), sua agilidade era tanta que os argentinos, reis do futebol naquela época, o apelidaram de *El Tigre*”¹⁹.

Sua descendência alemã lhe favoreceu a movimentação nos clubes brasileiros, até então sob o domínio dos brancos que tratavam os negros e mulatos com preconceito. “Mulato, só assim ele pôde jogar nos grandes clubes freqüentados pelos brancos da

¹⁸ <http://www.netvasco.com.br/mauoprais/futbr/fried.html>

¹⁹ São Paulo Futebol Clube. Mensagem recebida por <ana_diet@hotmail.com> em 10 abr. 2006.

elite”. Mas, mesmo assim, tinha um cuidado todo especial com seu cabelo utilizando gomalina e brilhantina antes de entrar em campo. Ele chegou até a ficar com fama de chegar sempre atrasado em campo.

Os sobrenomes estrangeiros foram os primeiros “passaportes” para os negros e mestiços no futebol brasileiro da década de 1920 e 1930. Escreve Mário Filho, em um estilo de crônica na obra *Negro no futebol*:

Um mulato podia ser um Friedenreich, um preto podia ser Gradim. Quem quisesse um bom jogador não precisava ir longe. Em todo o canto havia uma pelada. O Brasil com muito mais mulato, muito mais preto que o Uruguai. Com muito mais Friedenreich, com muito mais Gradins, portanto. (RODRIGUES FILHO, 1994: 136)

O depoimento de Kepler sobre Friedenreich, jogador que durante a juventude jogou no Clube Germânia, demonstrou um típico caso do processo de tropicalização do nazismo já em seu estágio final, quando “mestiços de origem africana” eram aceitos nos quadros da juventude hitlerista no Brasil. O contrário do esperado por Adolf Hitler que, nas Olimpíadas de 1936 realizadas em Berlim, levantou-se e foi embora do estádio quando o americano negro Cornelius Johnson foi campeão em salto em altura. Neste mesmo evento, outro americano negro, James Cleveland “Jesse” Owens ganhou quatro medalhas de ouro.

4. Uma foto, uma história: lembranças da juventude hitlerista de Presidente Bernardes (SP)

Presidente Bernardes é uma pequena cidade do noroeste do estado de São Paulo com cerca de 11 mil habitantes, distante 8 horas de ônibus da capital. Atualmente, ela se tornou conhecida pela presença do presídio de segurança máxima que está localizado nos limites da cidade — Centro de Readaptação Penitenciária (CRP). Mas, não foi sempre assim. Nos anos 1930 e 1940, a cidade foi um pólo de chegada de imigrantes de toda parte da Europa. Muitos vinham, desde o porto de Santos, em carros puxados por bois e carregados de banana e outros produtos tropicais. O destino? Fazendas, sítios ou pequenos lotes de terra. Construía suas casas, muitas vezes em barro e sapé, e plantavam o que comer: arroz, feijão e milho. Um modo de vida muito diverso do que

estavam acostumados na Europa. Entre estas famílias, encontravam-se imigrantes alemães, como por exemplo, a família de Klara Bremer. Em entrevista, ela contou o envolvimento de sua família com o nazismo — Klara foi membro da Juventude Alemã de Presidente Bernardes e seu pai, Germano, diretor do partido nazista em São Paulo. O avô, Friedrich Dierken, segundo os autos policiais e seu depoimento, também era do partido (“um nazista fanático, mas um santo homem”, afirmou).

Klara *teve intenção* de dar esta entrevista estimulada por uma reportagem publicada na revista *Veja* de novembro de 2001 (CARNEIRO, Marcelo, 2001: 81) na qual foi publicada uma foto do acervo DEOPS-SP que retratou crianças da juventude hitlerista da cidade, entre as quais ela mesma, Klara. Crianças de 1 a 12 anos posaram fazendo o famoso sinal de *Heil Hitler*, sob uma grande suástica e os cartazes com os dizeres: “Com a Alemanha triunfa o bem, perto do líder está a salvação” em meio a uma vegetação tropical de plantações de uva e de milho. Ao centro da fotografia, encontra-se o avô de Klara, Friedrich Dierken.

A reportagem da *Veja* causou grande repercussão na cidade e Klara — com a ajuda de um advogado local — pensou, inclusive, em processar a revista. Alguns anos após, por intermédio de uma senhora de Presidente Bernardes, Aparecida Magrini, Klara — hoje já avó — procurou-nos com o explícito intuito de fornecer seu *testemunho* para a História. A entrevista rendeu quatro fitas cassetes, além da doação de fotos de álbuns de família. Sua irmã — Inga — que também está na foto se negou a dar entrevista e nos receber.

No processo da entrevista, as fotografias — tanto esta das crianças, quanto outras apreendidas pelo DEOPS-SP — foram utilizadas como objetos biográficos. No dia da foto, contou Klara, as crianças foram marchando e cantando canções nazistas pelas ruas de Bernardes, acompanhadas de Dierken, até chegarem à chácara onde foi tirada a foto.

Neste dia, lembro que nós crianças fomos marchando e cantando atrás de meu avô, Friedrich Dierken. Lembro até hoje (*canta em alemão o hino de Horst-Wessel*): “Levanta a bandeira, as fileiras bem unidas e marcha com passos calmos e firmes”. Nós adorávamos! Foi a festa do Dia da Colheita, também comemorado na Alemanha. Nós costumávamos celebrar tanto as festas da Alemanha quanto do Brasil. Você sabia que o aniversário de Getúlio Vargas era 19 de abril? Pois é, nós sabíamos! Nós sempre prestávamos homenagem a ele. 7 de

setembro²⁰ era um dia que meu avô — que mal falava português — aprendeu a falar sobre ele para toda esta piazada (*apontando a foto*). Ele era uma pessoa que achava que a gente devia amar a Pátria que morávamos. Não sei como foram escrever aquele horror dele (*se referindo à Revista Veja*). Ele foi uma pessoa fabulosa. Nem brasileiro sabia que era Dia de Bandeira, mas meu avô sabia. Ele falava para nós. Só lembro de um momento em que ele ficou meio espinhento, foi quando a Inglaterra entrou na guerra... Ele veio nos ensinar a marchar cantando (canta em alemão): “Então nós vamos, vamos contra a Inglaterra”. Nós não entendíamos, nós apenas sabíamos que estávamos contra a Inglaterra”.²¹

Este trecho da entrevista demonstrou que essas crianças repetiam meramente idéias ensinadas pelos adultos, cantavam seus hinos nazistas, aprendidos com seus pais e avós imigrantes, mas não atinavam para o conteúdo ideológico destas canções. Por exemplo, a canção de Horst-Wessel cantada por Klara era um dos principais hinos da Juventude Hitlerista Alemã. A repercussão da propaganda nazista com a juventude foi em alguns casos decisiva. Irmãos e primos de Klara resolveram ir para a Alemanha e acabaram permanecendo neste país com a deflagração da guerra. Ao ouvi-la, tem-se uma nova dimensão de como foram difundidas as idéias nazistas em território brasileiro. Elementos como o anti-semitismo ferrenho ou racismo corrente na Alemanha nazista não apareceram no seu discurso. Ao contrário, temos algo mais romantizado com colonos comemorando festividades do calendário alemão e cantando hinos que eram usuais no III Reich.

Klara passou a refletir sobre o que aconteceu na II Guerra posteriormente, quando veio a saber das atrocidades cometidas pelo III Reich. A partir daí, procurou ler e se informar mais do assunto:

Por que não gostar de judeus? Eu não conheço nenhum judeu na vida, mas eu sabia que eles (alemães) não gostavam. Mas, eles tinham suas razões. Eles estavam passando fome. Meu avô voltou da Alemanha por causa disto. Mas, ele nunca falou nada para nós. Eu era criança naquela época e não tinha condições de entender nada. Nunca tinha escutado nada contra judeus. Só comecei a entender mais tarde, quando li sobre o assunto. Mas, não acreditava, porque meu avô era um santo homem. Era um nazista fanático sim, mas amava sua família e era adorado pelos netos e outras crianças alemãs da região.

²⁰ Ela faz referência ao feriado nacional da independência brasileira, 7 de setembro, pois a entrevista foi realizada neste mesmo dia.

²¹ Entrevista de Klara Bremer a Ana Maria Dietrich e Maiza Garcia, com a presença de Aparecida Magrini. Presidente Bernardes, 7 set. 2006.

Costumava acordar todos os dias de manhã, bem cedo e ensinava as crianças a fazer ginástica.²²

Ao mesmo tempo em que Klara admitiu que Dierken era nazista, reforçou em seu discurso o lado humano, familiar e bondoso do avô. Outros elementos estão presentes em sua fala: quando ela se referiu, por exemplo, às atividades de esporte ensinadas pelo avô, ela não demonstrou consciência que este era um dos preceitos básicos da Juventude Hitlerista — o culto ao corpo. Outro elemento é a utilização de um patriotismo brasileiro para minimizar o reconhecimento da adesão ao nazismo de sua família. Ela afirmou que eles comemoravam festividades nazistas, mas ressaltou que também respeitavam o Brasil, chegando até a comemorar datas que nem os brasileiros conheciam bem — como o aniversário de Getúlio e o Dia da Bandeira.

Em outro momento da entrevista, comparando a trajetória dos judeus e alemães, ela afirmou que os judeus não foram “roubados” como aconteceu aos alemães no Brasil. Ela se referiu às apreensões de bens dos súditos do Eixo, após a entrada do Brasil na II Guerra, empreendidas pela Polícia Política. Neste momento, houve a tentativa de ser vista pela História como vítima do processo e não como “nazista algoz”. Para isto, contou, com detalhes emocionados, os atentados contra súditos do Eixo feitos por moradores locais:

Meu pai era nazista, mas os judeus, o que era isso? Nós não roubamos ninguém, mas o delegado roubou tudo que nós tínhamos. O delegado era um grandão... bêbado. Ele roubou uma coleção de moedas do meu pai. Levaram um rádio que tínhamos para ter notícia dos meus irmãos. Levaram tudo o que nós tínhamos.

Eles também colocaram bombas para ameaçar. Eu vi pela veneziana de nossa mercearia quem era o “manda-chuva”. Meu pai fez um toco, amarrou uma corda e disse: “Se eles tacarem fogo, nós vamos saltar de uma das janelas”. Vizinhos nossos, Seu Joaquim e João Custodes, disseram a meu pai: “Deixe as meninas dormirem em outro lugar porque eles vão atear fogo na casa”. Mas, meu pai respondeu: “Então morremos todos”. (*sussurrando*) Aí eles não puseram. Seu João e meu pai dormiram atrás do balcão, armados para evitar que alguém invadissem. Aí meu pai mandou tirar a bomba de gasolina. Nosso bar chamava-se Germânia, mas mudamos para Bar Vitória. Aí eles escreviam com piche: “Vitória dos Aliados”. “Abaixo o III Eixo”²³. Eu nem sabia o que era III Eixo!!!!²⁴

²² Idem.

²³ Acreditamos aqui que ela se refira ao III Reich ou ao Eixo. A expressão III Eixo é errônea.

²⁴ Entrevista de Klara Bremer a Ana Maria Dietrich e Maiza Garcia, com a presença de Aparecida Magrini. Presidente Bernardes, 7 set. 2006.

Sobre as prisões do grupo nazista local após a proibição do partido, tanto Klara Bremer quanto outra entrevistada, sua prima Emy Görte, afirmaram que os nazistas provocavam os policiais e atravessavam a cidade algemados em direção à cadeia cantando hinos nazistas:

Enquanto nós estávamos aqui com Getúlio do lado do Eixo não teve problemas. Depois, quando Getúlio resolveu passar para outro lado começaram a perseguir alemães, japoneses, todo mundo. Mas os partidários do nazismo continuaram fazendo a mesma coisa, vestindo uniformes, usando suásticas e ia todo mundo para o xadrez. Eles sabiam disto, então provocavam, cantando hinos nazistas a caminho da prisão.²⁵

Tanto a entrevista de Klara Bremer quanto a de Alfred Kepler, ambos ex-integrantes da Juventude Hitlerista, nos deram uma nova dimensão para esta problemática, humanizando-a. No caso da juventude, existem pessoas ainda vivas que podem prestar depoimentos. Com relação às outras agremiações partidárias, a maioria dos potenciais entrevistados — que na década de 1930 e 1940 tinham entre 20 a 40 anos — já faleceu.

5. Juventude neonazista no Brasil

Na década de 90, principalmente a partir do inverno alemão de 1991, momento marcado por atentados de violência de grupos neonazistas, a ameaça do ressurgimento do fascismo enquanto movimento de massa voltou a preocupar os defensores dos valores democráticos. Procuramos entender – levando-se em conta que se trata de duas épocas diferentes – a década de 30 e a época contemporânea – como se deu a expansão de correntes extremistas entre a juventude brasileira, desta vez não apenas com alvo restrito aos imigrantes alemães, mas a jovens brasileiros em geral.

A exemplo do que aconteceu mundialmente, principalmente após o término da Guerra Fria, houve no Brasil o aparecimento de grupos neonazistas, dos quais citamos os Carecas do Subúrbio e o Poder Branco. Esse fenômeno de ressurgimento tem pouco a ver com os grupos anteriormente citados, a Juventude Hitlerista Brasileira associada diretamente ao partido nazista no exterior. Uma diferença crucial é que os membros

²⁵ Entrevista de Emy Görte a Ana Maria Dietrich e Maiza Garcia. Presidente Bernardes, 8 set. 2006.

desses grupos não são alemães natos, como no caso da HJ e, além disso, não tem apoio institucional nenhum, constituindo-se em grupos isolados.

Acredita-se que seu aparecimento esteja ligado ao contexto do mundo pós-guerra fria em que o sentimento de xenofobia, a crise econômica advinda principalmente da desagregação da União Soviética e os efeitos disso uma população que seria convidada a adentrar ao mundo capitalista pelas portas dos fundos, ou seja, sem condições financeiras de aproveitar os frutos da economia de mercado. O ressurgimento de movimentos de extrema-direita e que tenham como forte componente o racismo, está associada, em um primeiro momento, acreditamos, a essa tendência mundial onde grupos com tais perfis aparecem em diversos lugares do planeta. Outro fenômeno é a desagregação do estado de bem estar social e o reaparecimento de políticas conservadoras e neoliberais que tiveram sua expressão mais contundente no governo de Margareth Thatcher e Ronald Reagan.

O Estado perde seu papel ativo e passam a ter expressão grandes privatizações de empresas estatais, corte de despesas e de investimentos públicos. Não havia, nesse momento tão importante para a ordem mundial, o plano Marshall, que serviu como instrumento de equilíbrio da economia no imediato pós-guerra.

Com a entrada do capital estrangeiro nos antigos países socialistas, o padrão de consumo típico dos ocidentais rompeu as últimas fronteiras do mundo no final dos anos 80 e começo dos 90. Completava-se assim, a globalização que junto com o neoliberalismo, marcou a passagem para o novo século. As nações do leste europeu abandonaram o modelo socialista e acabaram introduzindo reformas de cunho neoliberal, bem como os países da América Latina, como é o caso do Brasil. (TEIXEIRA, C., 2006: 2).

No Brasil, houve uma grande repercussão dessas novas políticas econômicas e que foram implementadas pelos governos Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. A privatização da economia brasileira ajudou a aguçar o quadro de desigualdade social que o país tem como uma característica crônica e os grupos neonazistas aparecem como a face de não aceitação mais violenta desse contexto histórico. Outra interpretação para o aparecimento de tais grupos está relacionada a questões identitárias. Segundo Alexandre de Almeida (2004), eles aparecem como uma forma de reação diante do processo de fragmentação da identidade e de instituições no

último quarto do século XX. É interessante observar, ao analisar os dados coletados por Almeida sobre o movimento denominado como Poder Branco, que existe um grande distanciamento do ideário nacional-socialista original. Segundo ele, sempre pautados na questão da violência e da ação das massas, eles se baseavam nos seguintes princípios: a supremacia da raça branca. Porém, ao contrário da ideologia nazista que pensava a raça definido por relações hereditárias, no caso dos neonazistas pertencentes ao Poder Branco, para eles o que basta é a aparência – a tonalidade da pele e a composição do corpo.

Não há como negar que também existem aproximações, como por exemplo, sobre a propagação da idéia que os judeus são o grande problema da sociedade. Enquanto na sociedade do III Reich se divulgava que existiria um complô judaico e que esse complô era o responsável pelo quadro de crise econômica e inflacionária que a Alemanha passava, com os representantes do Poder branco se divulga que os judeus estão infiltrados nas novas mídias globalizadas, televisão, internet, cinema, e que dominam por assim dizer tais meios de comunicação com o objetivo obscuro de “destruir a raça branca”.

Conclusão

Ao comparar o movimento da juventude nazista, a chamada *Hitlerjugend* (Juventude Hitlerista) que teve sua expressão no Brasil nos anos 30 e 40 e os movimentos neonazistas dos anos 80 e 90 é perceptível que eles tem mais pontos de divergência do que de convergência. Para não se equipar tais fenômenos é importante associá-los ao contexto histórico que pertencem e cuja maior similitude é a questão da crise econômica. Porém, no caso do nazismo, esse se encontrou com poder de Estado no seu país de origem (na Alemanha) enquanto que o neonazismo se apresenta como iniciativas isoladas de ação, sem muitas estratégias e desejos de se tomar o poder.

Acreditamos, para concluir, que o ressurgimento dos movimentos de extrema-direita nas sociedades latino-americanas, como no caso do Brasil, deve ser combatido com diversas políticas públicas que visem a rememoração dos acontecimentos relacionados à Segunda Grande Guerra, em especial, o Shoah. Em termos de políticas públicas de memória no Brasil, tais tentativas são, no entanto, ainda incipientes e não há uma política de memória de cunho nacional com tal objetivo. Um primeiro caminho

seria fazer uma avaliação de tais movimentos extremistas para saber sua verticalidade no seio da sociedade brasileira, para depois pensarmos em estratégias para os combater.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alexandre. *Skinheads: os “mitos ordenadores” do Poder Branco paulista*. São. Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado, 2004

BARTOLETTI, Susan Campbell. *Juventude hitlerista: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram*. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

CARNEIRO, Marcelo, *Heil, Hitler. Novos Documentos contam a história do Partido Nazista no Brasil de Vargas*. Revista Veja, 14 nov. 2001, p. 81.

DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas, o Partido Nazista em São Paulo*. São Paulo: IMESP/ Humanitas, 2007. (1)

_____. *Nazismo tropical, o partido nazista no Brasil*. São Paulo: FFLCH- Universidade de São Paulo (Tese de doutorado), 2007. (2)

MÜLLER, Jürgen. *Nationalsozialismus in Lateinamerika: die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien und Mexiko, 1931-1945*. Verlag Hans-Dieter Heinz Akademischer. Verlag Stuttgart, 1997, p.196.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Editora da UFSC/UNIVALI, 2004, p. 101.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 3. ed. Petrópolis: Firmo, 1994, p. 136.